

**UNICESUMAR – CENTRO UNIVERSITÁRIO CESUMAR**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE**

**SOFTWARES SOCIAIS E SAÚDE: UMA ANÁLISE DO USO DAS TECNOLOGIAS  
DE REDE PELOS SURDOS NO MUNDO DOS OUVINTES**

**Edilena da Silva Frazão Sausen**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**MARINGÁ**

**2015**

**UNICESUMAR – CENTRO UNIVERSITÁRIO CESUMAR**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE**

**SOFTWARES SOCIAIS E SAÚDE: UMA ANÁLISE DO USO DAS TECNOLOGIAS  
DE REDE PELOS SURDOS NO MUNDO DOS OUVINTES**

Dissertação de mestrado apresentada ao Centro Universitário Cesumar (UNICESUMAR), como requisito à obtenção do título de Mestre em Promoção da Saúde.

Linha de Pesquisa: Educação e Tecnologia em Saúde.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Machado Velho.

**MARINGÁ**  
**MARÇO DE 2015**

## SUMÁRIO

|                                    |           |
|------------------------------------|-----------|
| <b>LISTA DE ANEXOS .....</b>       | <b>4</b>  |
| <b>1 – INTRODUÇÃO GERAL .....</b>  | <b>5</b>  |
| 1.1 - REFERÊNCIAS .....            | 11        |
| <b>2 – ARTIGO CIENTÍFICO .....</b> | <b>13</b> |
| 2.1 - INTRODUÇÃO.....              | 14        |
| 2.2 - METODOLOGIA .....            | 22        |
| 2.3 - RESULTADOS .....             | 23        |
| 2.4 - DISCUSSÃO.....               | 26        |
| 2.5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 28        |
| 2.6 – REFERÊNCIA .....             | 30        |
| <b>3- CONCLUSÃO GERAL .....</b>    | <b>35</b> |

## **LISTA DE ANEXOS**

1. **ANEXO I** – Folha de Rosto para pesquisas envolvendo seres humanos ..... 36
2. **ANEXO II** – Declaração de Autorização do Local ..... 37
3. **ANEXO III** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ..... 38
4. **ANEXO V** – Tabela das Respostas Traduzidas para o Português escrito..... 40
5. **ANEXO VI**– Certificação de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais no uso e ensino do Nível Superior..... 49

## 1 – INTRODUÇÃO GERAL

Esta dissertação apresenta a temática da interação entre surdos e ouvintes nos softwares sociais. Optou-se por apresentá-la na forma de artigo para que o assunto seja avaliado e refletido posteriormente por mais pessoas. Sabe-se que um dos objetivos primordiais dos softwares sociais que é fazer a interlocução entre mundos diferentes. As oportunidades de comunicação oferecidas pelas tecnologias digitais permitem novas possibilidades de interagir e de aprender com muitos outros, diferentes e singulares que se somam, compartilham e coexistem na sociedade em rede. Esse objetivo, associado à inclusão defendida socialmente, busca diminuir as barreiras sociais, culturais e físicas entre os surdos e aqueles que ouvem (ARCOVERDE, 2006).

Relembrando a história dos surdos, para entender de que mundos diferentes está se falando, Strobel (2006) cita que os surdos sofreram e foram perseguidos pelas pessoas ouvintes, que não aceitavam as diferenças e exigiam uma única cultura através do modelo “ouvintista”. Foram e ainda são muitas as lutas e histórias das comunidades surdas, nas quais o povo surdo se reúne contra as práticas dos ouvintes que não respeitam a cultura surda. Voltando mais ainda ao passado, histórias relatam que, em sociedades antigas, os surdos ficavam restritos aos seus lares por vergonha da família ou isolados em asilos, hospitais, celas ou calabouços, como uma forma de “banimento dos indesejados”, ou ainda, como objeto de compaixão (STROBEL, 2006). Sabe-se também que antes de Cristo, os surdos eram tidos como seres diabólicos, que precisavam ser punidos. Na Antiguidade, devido ao fato de não falarem, não eram considerados “humanos”, nem cidadãos, mas sim incapazes, e proibidos de casar (SILVEIRA, 2008). E, por muitos anos, era essa a visão que se tinha dos surdos, que perdurou também por toda Idade Média.

Apenas no século XX, começou a especulação para saber de que forma a educação de surdos deveria ser feita. Foi então, que um acontecimento marcou a história dos surdos: a realização do Congresso de Milão<sup>1</sup>, em 1880, que proibiu a comunicação através de língua de sinais. Foi adotado, oficialmente, o método do

---

<sup>1</sup> O Congresso de Milão foi uma conferência internacional de educadores de surdos, em 1880. Depois de deliberações entre 6 e 11 de Setembro de 1880, o congresso declarou que a educação oralista era superior à de língua gestual e aprovou uma resolução que proibia o uso da língua gestual nas escolas. Desde sua aprovação em 1880, as escolas em todos os países europeus e nos Estados Unidos mudaram para a utilização terapêutica do discurso sem língua gestual como método de educação para os surdos ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Congresso\\_de\\_Mil%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Congresso_de_Mil%C3%A3o)).

oralismo, baseado em intervenções clínicas, que prometiam curar ou corrigir a surdez e reabilitar a fala.

Desde então, muito se lutou para que exista e seja aceita a possibilidade de se comunicar pela Língua de Sinais. Para os surdos, é uma questão de fortalecer sua cultura, por tanto tempo rejeitada, pelos ouvintes e suas práticas. Afirma-se que a diferença linguística, associada às suas lutas, traz à tona uma separação entre mundos, como citado anteriormente. Essa luta também se relaciona com sua forma de nomeação: os, surdos, querem ser chamados de “surdos”, e não surdos-mudos, expressão que os mostra como sujeitos sem comunicação. Também não querem ser chamados de deficientes auditivos, por ser um termo pejorativo, usado na área clínica. Lutam, no mundo inteiro, para que as línguas de sinais não sejam confundidas com “gestos”, “linguagem”, “mímica” (SILVEIRA, 2008).

As identidades surdas, destaca-se, não é uma só, vêm de uma construção imperativa de identidade cultural dos sujeitos com suas peculiaridades e especificidades que vão além dos aspectos clínicos-patológicos, e sim, de acordo com a língua que dominam ou não (SILVA, 2010). A mesma autora diz que a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) surge como um mecanismo de afirmação da identidade surda, anulada e silenciada durante muito tempo, através da prática da oralização imposta pela sociedade, na qual o surdo era ensinado a “falar” através do método da repetição. Ficando esse sujeito subjugado as práticas ouvintistas.

Entre as da identidade surda, vê-se diversas possibilidades. A identidade política, por exemplo, determina comportamentos para a aceitação do sujeito enquanto surdo, lutando politicamente como cidadão com suas especificidades (SÁ, 2001). São esses surdos que não aceitam em ser chamado deficiente auditivo.

Sá fala, ainda, da **identidade surda híbrida** que se apresenta entre surdos que nasceram ouvintes e, devido a fatores como doenças, acidentes, dentre outros, perderam a audição. Estes conhecem a estrutura do português falado e circulam de forma específica no mundo ouvinte.

Há também a **identidade surda flutuante** vista em indivíduos que se acomodam como vítimas da ideologia dos ouvintistas, oscilando de uma comunidade a outra, prejudicando-se na falta de comunicação tanto da Língua Portuguesa como da Língua de Sinais (SÁ, 2001).

A **identidade surda embaçada**, segundo Sá (2011) é a representação estereotipada da surdez ou o desconhecimento da mesma por conta da questão cultural dominante que o sujeito surdo está inserido. Na **identidade surda de transição** os surdos oralizados, filhos de pais ouvintes, são mantidos numa pura comunicação auditiva e tardiamente conhecem a comunidade surda. Nesta transição, passam do mundo auditivo para o visual, mas sofrem do processo de “desouvintização”; isto é, da rejeição da representação da identidade ouvinte, desenvolvendo sequelas na sua identidade em construção (SÁ, 2001). Ainda existe a **identidade surda incompleta**, composta por surdos que não conseguem quebrar o poder dos ouvintes, que fazem de tudo para medicalizar o não ouvinte (SÁ, 2001).

Diante de todas essas possibilidades e, ainda, pensando no fato de que estas diferentes identidades surdas estão imersas no mundo ouvinte, temos o desafio da pluralidade. Essa pluralidade e a defesa da diversidade são necessárias para a construção de novos modelos de cidadania. Diante disso a sociedade deve ter coragem de defender a diversidade, os direitos fundamentais e a igualdade, porque essa diversidade que é a riqueza de uma sociedade. É a possibilidade de se estar com pessoas diferentes, com agendas políticas de intervenção e ativistas, que tantas vezes parecem antagônicos, mas que têm o poder de transformar o mundo, visto que trazem outros saberes e vivências (VIEIRA, 2003), que tornam a dinâmica social “saudável”.

Os surdos brasileiros conquistaram, em 24 de abril 2002, por meio da Lei da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, n. 10.436, a “liberdade” de ter uma língua oficial e o direito de utilizá-la. Porém, é curioso lembrar que nem mesmo a população do Brasil conhece a LIBRAS em sua essência e, talvez, essa seja a causa da grande barreira de comunicação entre surdos e ouvintes, inclusive, nos processos de comunicação cada vez mais sustentados pelas tecnologias.

A LIBRAS tem uma diferença enorme da língua portuguesa em sua estrutura. Não se parece com o português escrito e nem o falado. A Língua Brasileira de Sinais é um sistema linguístico legítimo e natural, de modalidade gestual-visual e com estrutura gramatical independente da língua portuguesa falada e escrita (ROSA, 2005).

Esta é uma questão que compromete o relacionamento entre surdos e ouvintes. É preciso levar em consideração questões fundamentais de interação

linguística, visto que é a partir dela que são criadas formas de se construir pontes entre os dois grupos; logo, é indispensável uma convivência a qual garanta os direitos fundamentais de ambos.

Entender como pode se dá esta aproximação entre surdos/ouvintes é um desafio, especialmente hoje, porque existe um ambiente em que se imagina que essa relação pode ser melhor construída, visto que é um “lugar” em que, naturalmente, se utiliza diferentes códigos e linguagens para a expressão, o que pode ser uma vantagem para a troca de informações entre grupos que se utilizam de diferentes estratégias para se expressar. O ambiente que se fala é constituído pelos softwares sociais, conhecidos no Brasil como redes sociais e, no mundo, como mídias sociais: o Facebook, Twitter e tantas outras plataformas que sustentam relações sociais via programas de computador e que promovem o compartilhamento de informações.

Segundo Stumpf (2010), os surdos vêm se utilizando destas tecnologias para se entregar em grupos maiores, muito embora usem entre eles mesmos, pois ainda se ressentem de se comunicar com os ouvintes por causa da barreira linguística. Essa realidade consolida, por vezes, um contexto de segregação, imposto por barreiras humanas, sociais e, neste caso, culturais.

Örnberg (2003) explica que a Comunicação Mediada por Computador (CMC) proporcionou uma nova forma de linguagem: esta é híbrida. Fica entre a linguagem escrita e a oral. Os softwares sociais são uma forma de CMC que não pode ser vista apenas como linguagem escrita (COLLOT & BELMORE, 1996) ou oral, embora a linguagem escrita seja a principal forma de expressão. Assim, nada impede que algumas destas plataformas possam ser transformados em promotoras de aproximação entre surdos, que têm a expressão baseada na visualidade, e os ouvintes que, por sua vez, se expressam cada vez mais em diferentes códigos nos softwares sociais: com muitas imagens, por exemplo.

Esta dissertação vem refletir sobre como os surdos vêm utilizando estes softwares entre eles mesmos e ouvintes em ambiente de comunicação mediada, especialmente, nas mídias sociais.

Inicialmente, esta pesquisa tinha como objetivo entender como os surdos se expressavam nos softwares sociais com ouvintes. Contudo, as primeiras pesquisas sobre o tema levaram à dúvida sobre se realmente existia comunicação entre esses

dois grupos nos softwares sociais. Como professora de LIBRAS numa instituição federal, em contato com outros professores, inclusive surdos, verificou-se que os não ouvintes tinham em suas páginas das mídias sociais um contato maior com surdos. Em conversa informal com alguns deles, essa observação foi confirmada. Desta forma, pensou-se que seria importante compreender como os surdos usam essas plataformas de linguagem híbrida, que poderiam ser ferramenta para a aproximação dos surdos no mundo ouvinte e vice-versa.

Conhecer esses obstáculos pode ajudar a diminuir a distância entre os dois grupos. Pesquisas têm sido realizadas e projetos executados para perceber como os softwares sociais podem contribuir para resolver problemas ligados à educação (VASEDUN, 2010; ALLEN, 2012); à saúde (BECK et al., 2012; BAILEY, 2011; SINGH AND WALSH, 2012); e aos direitos sociais e minorias (BECK et al., 2012; ABRAHAM, 2013). Porém, quando se fala do universo surdo, as pesquisas focam as questões de educação (ANTUNES, 2014; SILVA, 2015; ABREU, 2009; MOIMAZ, 2013; VIEIRA, 2009), mas poucas lembram que a inserção social se dá efetivamente pela comunicação, que é uma questão muito especial para esse grupo, no sentido de garantir a saúde social, física e mental, de surdos e ouvintes.

Defende-se que é preciso pensar em tecnologias que possam diminuir a segregação e aumentar a aceitação do diferente como forma de garantir a saúde de uma sociedade formada por indivíduos com especificidades: surdos, ouvintes etc. Afinal, a definição de saúde, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), não é apenas a ausência de enfermidades ou invalidez, mas o completo bem estar físico, mental e social. Lewis (1998) lembra que o termo “normal” ou “saudável” pode ser definido de duas maneiras: o primeiro é pensando pelo prisma da sociedade funcional, ou seja, uma pessoa é considerada normal, quando é capaz de desempenhar o papel social que se espera dela numa determinada sociedade; e a segunda visão encara a saúde como uma condição favorável ao conhecimento e a felicidade.

O objetivo da pesquisa foi, então, compreender como os surdos vêm usando as mídias sociais. Foi necessário descrever estas tecnologias, as ferramentas que oferecem e como e de que forma os surdos as usam. A ideia principal foi pensar em como ampliar a capacidade dos surdos de circular pelo mundo ouvinte. Compreender as possibilidades destes softwares sociais é fundamental para

desenvolver ferramentas que possam agir como mediadoras entre surdos e ouvintes e, até mesmo, entre os próprios surdos.

Esta é uma pesquisa exploratória, com caráter de análise qualitativo. Foi feita com 12 surdos, que estudam pós-graduação numa instituição federal do sul do Brasil, com idade entre 25 a 43 anos, residentes em várias cidades do sul do país. Escolheu-se este grupo, por serem surdos que estão num bom nível de leitura do português, por já estarem em pós-graduação, e por serem professores de LIBRAS para surdos e ouvintes. Isso leva a crer que estão em contato frequente com o português escrito e que têm poucos obstáculos para a comunicação com os que ouvem por meio da escrita.

O contato foi feito por meio de entrevista informal. As conversas aconteceram no intervalo de 40 minutos das aulas de pós-graduação de uma instituição de ensino presencial, durante 15 dias, no mês de novembro de 2014. A conversa foi realizada em LIBRAS. O processo foi filmado com uma câmera de um celular modelo Win Duos de marca Samsung. Posteriormente, as conversações foram traduzidas para o português pela pesquisadora, em seguida, transcritas e submetidas à Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009), que propõe um método para analisar dados qualitativos como, por exemplo, o que foi dito em conversas, entrevistas ou observado pelo pesquisador. Busca classificar o conteúdo destas mensagens e fatos em temas ou categorias para auxiliar na compreensão do que está por trás dos discursos e dos processos.

Os resultados da pesquisa de campo estão reunidos no artigo SOFTWARES SOCIAIS E SAÚDE: UMA ANÁLISE DO USO DAS TECNOLOGIAS DE REDE PELOS SURDOS NO MUNDO DOS OUVINTES. Autoras: SAUSEN, Edilena da Silva Frazão; VELHO, Ana Paula Machado. O artigo está apresentado no capítulo a seguir.

## 1.1 - REFERÊNCIAS

ANTUNES, Michele Nacif et al. Monitoramento de informação em mídias sociais: o e-Monitor Dengue. *Transinformação*, Abr 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010337862014000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010337862014000100002&lng=pt&nrm=iso)> Acesso 04 jan 2015.

ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. Tecnologias digitais: novo espaço interativo na produção escrita dos surdos. *Cad. CEDES [online]*. 2006, vol.26, n.69, pp. 251-267. ISSN 0101-3262. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a08v2669.pdf>> Acesso 29 jan 2015.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BATANERO C.; ESTEPA A.; GODINO J.D. Análisis exploratorio de datos: sus posibilidades en la enseñanza secundaria. *Suma*, 9, 25-31. 1991.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_3/Leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_3/Leis/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 10 out. 2014.

COLLOT, M. e N. BELLMORE. Electronic language: A new variety of 11inguís. In: HERRING, S.C. (Org.), *Computer-mediated-communication. Linguistic, social and cross-cultural perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p.13-28, 1996.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. DP&A, Rio de Janeiro: 1997.

LEWIS, Aubrey. A saúde como conceito social. *Rev. Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v8n1/09.pdf>> Acesso em 29 jan 2015.

WESTPHAL, Marcia Faria, Organização Panamericana de Saúde. Visão crítica da promoção da saúde e educação para a saúde na América Latina. In: *CONFERÊNCIA REGIONAL LATINO-AMERICANA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE*, 3., 2002, São Paulo. Carta de São Paulo: versão preliminar. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://fsp.usp.br/cepedoc>> Acesso em: 11 mar. 2015.

ÖRNBERG, T. Written conversation: an investigation of the oral features of text chat through conversation analysis. In: *Thesis seminar (2003)*. Disponível em: <[http://www2.humlab.umu.se/therese/conv\\_analysis.pdf](http://www2.humlab.umu.se/therese/conv_analysis.pdf)>. Acesso 03 fev 2014.

ROSA, Andréia da Silva. Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete / Andréa da Silva Rosa. - Campinas, SP: [206], 2005. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro5.pdf>> Acesso 30 dez 2014.

SÁ, Nídia Limeira de. Educação de Surdos: a caminho do bilingüismo. EDUFF, Niterói: 1999.

SILVA, Márcia do Socorro E. da. Um Olhar sobre a Identidade Surda. Fórum Nacional de Crítica Cultural 2 Educação básica e cultura: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos 18 a 21 de novembro de 2010. Disponível em: < <http://www.poscritica.uneb.br/anais eletronicos/arquivos/32%20-%20UM%20OLHAR%20SOBRE%20A%20IDENTIDADE%20SURDA.pdf> > Acesso 02 jun 2015.

SILVEIRA, Carolina Hessel. Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras. Edição: 2008 - Vol. 33 - No. 01. Disponível em:< <http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2008/01/a11.htm>> Acesso em 02 jun 2015.

STROBEL, K. 2006. Visão histórica sobre a in(ex)clusão dos surdos. Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 244-252, jun.

STUMPF, M. R. Educação de Surdos e as Novas Tecnologias. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2010.

VIEIRA, Paulo Jorge. Direitos e Diversidade. In: FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. 2003. Porto Alegre. Conferências. Rio de Janeiro: Secretaria Internacional do Fórum Social Mundial; IBASE, 2003. p. 75-80. (Coleção Fórum Social Mundial 2003, v. 1).

## 2 – ARTIGO CIENTÍFICO

### SOFTWARES SOCIAIS E SAÚDE: UMA ANÁLISE DO USO DAS TECNOLOGIAS DE REDE PELOS SURDOS NO MUNDO DOS OUVINTES

Edilena da Silva Frazão Sausen  
Ana Paula Machado Velho

#### RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever as mídias sociais: as ferramentas que oferecem e como vem sendo usadas pelos surdos. Para isso, além de imersão na web, foi realizada uma pesquisa com 12 surdos, que estudam pós-graduação numa instituição federal do sul do Brasil, com idade entre 25 a 43 anos. O contato foi feito por meio de entrevista. As conversas foram feitas em Língua de Sinais, filmadas e, posteriormente, traduzidas e submetidas à Análise de Conteúdo. Com o resultado da pesquisa, foi possível observar que os surdos vêm usando essas ferramentas entre eles, com apoio maior de *webcams* para se expressarem em LIBRAS, visto que têm dificuldade de se comunicar com os ouvintes que, por sua vez, utilizam, principalmente, a Língua Portuguesa escrita. Com isso, o ambiente híbrido dos softwares sociais ainda possui barreiras linguísticas que separam surdos e ouvintes, comprometendo a inserção social entre os dois grupos.

Palavra Chave: surdos, interação, ouvintes, softwares sociais, saúde.

#### Abstract

This article aims to describe the structure of social media: the tools they offer and as it has been used by deaf. Thus, besides emerging in the web, a survey was conducted with 12 deaf, in a federal institution in Southern Brazil, aged 25-43 years. The contact was made through interviews. The talks were made in sign language-LIBRAS, filmed and subsequently translated and submitted to content analysis. We observed that deaf people are using these tools among them, with webcam support to express themselves in LIBRAS, since they have difficulty to communicate with listeners who use mainly the written Portuguese language. Thus, the hybrid environment of social software still has language barriers that separate deaf and hearing, undermining social integration between the two groups.

Keywords: deaf, interaction, listeners, social software, health.

## 2.1 - INTRODUÇÃO

A inclusão com responsabilidade das pessoas com necessidades especiais ou peculiaridades tem sido, nas últimas décadas no Brasil, um grande desafio. Inúmeras inquietações surgem dentro deste campo. Várias são as dificuldades ou problemas que entravam esse processo, em especial, no que refere à inclusão dos surdos do ponto de vista social e de construção da cidadania.

Um dos desafios da sociedade atual é utilizar a evolução tecnológica para proporcionar a todos os indivíduos acesso às suas necessidades básicas de saúde, educação etc., uma vez que tem como um de seus objetivos a disseminação de informações, a aproximação de pessoas, independentemente de seu nível econômico, social, cultural e físico.

Os softwares sociais são “ambientes que suportam atividades em redes sociais digitais” [...] “que permitem às pessoas se conectarem por meio de uma comunicação mediada por computador” (TAGGING, 2008). Chatti (2007) apresenta-os como ferramentas para aumentar as habilidades sociais e colaborativas das pessoas e um meio de facilitar a conexão social e a troca de informação.

Mediante tais conceitos, tinha-se como hipótese que os softwares sociais poderiam fortalecer a relação entre surdos e ouvintes, oferecendo novos contornos para a comunicação entre esses dois mundos. Pois, como afirmam Pereira et. al. (2010), os softwares sociais têm sido desencadeadores de transformações que estão alterando o modo como as pessoas se relacionam, utilizam e interagem.

Estes softwares sociais, segundo os autores acima, funcionam como mediadores sociais e favorecem a criação de redes de relacionamentos através de espaços onde o usuário pode juntar pessoas do seu círculo de relacionamentos, conhecer outras que compartilham os mesmos interesses e discutir temas variados, construindo diferentes elos entre os “eus” privado e público (MACHADO & TIJIBOY, 2003).

Para Recuero (2009), os softwares sociais são uma forma de Comunicação Mediada por Computador (CMC). Através da CMC, novos agrupamentos sociais surgiram (LEMOS, 2003), assim como novas formas de conversação (HERRING, 1999; HERRING et al., 2005) e novas formas de identificação e de construção do *self* (DONATH, 1999). Para Castells (2002), a internet encerra um potencial

extraordinário para a expressão dos direitos dos cidadãos e a comunicação de valores humanos, colocando assim as pessoas em contato, para expressar suas angústias e compartilhar suas experiências.

Diversos estudos vêm investigando como estão sendo construídas ações coletivas em torno de causas de interesse comum, mobilizações e ativismo político na Internet (VASEDUN, 2010; ALLEN, 2012; BECK et al., 2012; BAILEY, 2011; SINGH AND WALSH, 2012; ABRAHAM, 2013).

Um grupo de pesquisadores tem se concentrado em analisar as oportunidades que a rede mundial de computadores oferece para vozes minoritárias ou excluídas expressarem-se. E o surdo pertence a uma comunidade de minoria linguística e, também, cultural, baseando-se no fato de que a língua de sinais é utilizada por um grupo restrito de usuários (SKLIAR, 1997).

Logo, os softwares sociais, surgem como um novo meio de comunicação, de uma nova tecnologia comunicativa, contribuindo para determinar a transformação da estrutura de percepção da realidade (FELICE, 2008). Estes promovem muito mais do que o acesso à informação, permite a aprendizagem em rede, fundamental no processo de transformação das relações sociais (GUIMARÃES, 2009).

Hoje, existem inúmeros softwares sociais, entre eles, os mais populares e mais citados nesta pesquisa, e que serão descritos aqui, são: o Facebook, o Skype e o WhatsApp.

O Facebook foi criado por Mark Zuckerberg. Em princípio, era uma rede social feita, exclusivamente, para alunos da Faculdade de Harvard, nos Estados Unidos, se comunicarem, que foi se expandindo muito rapidamente por outras instituições e países. Nele não há um layout sofisticado, mas sim de fácil visualização com páginas consideradas “limpas”, isto é, que não trazem propagandas (SHIMAZAKI & PINTO, 2011). Reúne pessoas a seus amigos e àqueles com quem trabalham, estudam e convivem. As pessoas participam do Facebook para manter contato com seus amigos, carregar um número ilimitado de fotos, compartilharem links e vídeos e aprender mais sobre as pessoas que conhecem (AFONSO, 2009, p.43).

Outro ponto importante do Facebook, citam Shimazaki e Pinto (2011), é a privacidade. Todas as informações que se encontram nos perfis dos usuários podem ser gerenciadas através de regras que possibilitam defini-los com permissão de

visualizar estas informações. Lembrando que, hoje, o Facebook possui vídeo, uma ferramenta de grande valia para os surdos, que utilizam a língua de sinais.

O Skype<sup>2</sup> foi criado, inicialmente, com foco de comunicação VoiP<sup>3</sup>, mas ao longo dos anos foi conquistando muitos utilizadores com os seus recursos para mensagens instantâneas.

Este aplicativo era, inicialmente, utilizado por empresas, especificamente como ferramenta de teleconferência. Porém, não apresenta tanta facilidade no que concerne à partilha de fotografias (MATOS, 2015).

Assim segundo Matos (2015), este aplicativo é um programa livre que usa a tecnologia — *peer two peer* (que permite que os dados sejam compartilhados numa rede sem a necessidade de um servidor central). Este tipo de tecnologia sustenta uma comunicação através de vídeo e de voz de elevada qualidade. Para os surdos, uma conexão com vídeo de alta qualidade facilita a comunicação na língua de sinais. Outra características que o Skype apresenta é a possibilidade de permitir que o usuário que esteja simplesmente dentro de um e-mail, ou num website, possa chamar alguém diretamente, ou simplesmente adicionar um botão no website (MATOS, 2015) e iniciar uma comunicação por vídeo.

O WhatsApp<sup>4</sup> é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite a troca de mensagens de texto, áudio, vídeo e foto por meio do celular e está disponível para os principais sistemas operacionais: “Android”, “iOS”, “Windows Phone”, “BlackBerry” e “Nokia”. Segundo o WhatsApp. Cerca de 38 milhões<sup>5</sup> de pessoas utilizam o aplicativo no Brasil, o que equivale a 8%, dos 465 milhões de usuários no mundo.

### **As Libras e os softwares**

Historicamente, os surdos sempre estiveram à margem socialmente, porque se pensava, e ainda se pensa, apenas no fato de que o seu desenvolvimento cognitivo e a formação de sua identidade, sua constituição como sujeito, dependem exclusivamente da sua participação na comunidade ouvinte. Mesmo com a

---

<sup>2</sup> {<http://www.skype.com>}

<sup>3</sup> {<http://www.onelinea.com.br/pdfs/bto-voip.pdf>}

<sup>4</sup> Disponível em <http://blogs.estadao.com.br/link/uso-de-aplicativos-cresce-115-no-mundo/>. Acesso em: 21 de abril de 2015.

<sup>5</sup> Definição disponível no site da empresa: <http://www.whatsapp.com/>. Acesso em: 21 de abril de 2015.

oficialização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) – Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, ainda se mantém a visão equivocada da LIBRAS como simples gestos simbólicos, ou como uma língua inferior à Língua Portuguesa, o que é extremamente prejudicial, reforçando a situação excludente daqueles que não podem ouvir numa sociedade ouvinte.

A língua não se confunde com a linguagem, pois ela é somente uma parte determinada, essencial dela, sendo ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 1987).

A língua de sinais é a língua natural dos surdos, pois a criança surda pode adquirir de forma espontânea sem que seja preciso um treinamento específico para aprender essa língua. Porém, há necessidade de que a criança tenha contato com outros surdos que a utilizem. A língua de sinais é considerada natural por compartilhar uma série de características específicas que se distingue dos demais sistemas de comunicação (QUADROS & KARNOPP, 2007). Portanto, hoje, é considerada pela linguística como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou uma solução a uma patologia de linguagem (QUADROS & KARNOPP, 2007).

Desta forma, pode-se afirmar que as mãos, para os surdos, assumem a função de instrumento comunicativo, de modo que a criança que não pode falar cria espontaneamente, por meio das mãos, um sistema gestual com marcação visoespacial (GOLDIM-MEADOW & MORFORD, 2002).

Além disso, hoje, considera-se que a língua de sinais é um instrumento adequado para o surdo construir seu conhecimento (VIROLE, 2000). Embora alguns ainda acreditem no sucesso da oralidade para os surdos, por meio da utilização de aparelhos de amplificação sonora.

Está provado que, por meio da língua de sinais, é possível a expressão de conteúdos sutis, complexos ou abstratos, de modo que os seus usuários podem discutir qualquer área do conhecimento, da filosofia à política, utilizando-se dos seus recursos, como ocorre com qualquer outra língua, para consolidar a comunicação; isto é, para conferir conteúdo significativo aos objetos do mundo e às pessoas que o cercam (FELIPE 1997).

Se a língua é tida como tudo que envolve significação, não se restringindo apenas a uma forma de comunicação, e é nela que o pensamento do indivíduo é constituído (GOLDFELD, 1997), o surdo pode se valer da sua língua para fazer seu percurso fundamental de desenvolvimento psicológico que, segundo Vygotsky (1989), é uma trajetória de progressiva individualização, ou seja, é um processo que se origina na infância, nas relações sociais, interpessoais e se transforma em individual, intrapessoal.

Estudos de linguistas como Stokoe (1960) comprovaram que a língua de sinais atende a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, em seu léxico, sintaxe e também na capacidade de gerar uma quantidade enorme de sentenças.

Stokoe observou, ainda, que os sinais das línguas espaço-visuais não são meras imagens, mas símbolos abstratos complexos. Ele foi o primeiro, portanto, a procurar uma estrutura, a analisar os sinais, dissecá-los e a pesquisar suas partes continentais. Comprovou, inicialmente, que cada sinal apresentava pelo menos três partes independentes, que podemos fazer a comparação com os fonemas da fala, que seriam: a localização, as configurações de mãos e o movimento, e que cada parte teria um número de movimentos (QUADROS & KARNOPP, 2007).

A Língua Brasileira de Sinais é uma das línguas espaço-visuais e existem muitas formas criativas de explorá-la. Configurações de mão, movimentos, expressões faciais gramaticais, localizações, movimentos do corpo, espaço de sinalização, classificadores são alguns dos recursos (QUADROS 2000).

Por isso, a Libras, assim como qualquer outra língua, deve ser inserida na vida dessa criança nos três primeiros anos de idade, pois, no momento em que a criança adquire sua língua natural, ela se torna capaz de realizar o aprendizado, inclusive, de uma segunda língua, tornando-se um ser bilíngue.

Porém, é interessante ressaltar que, mesmo as crianças que têm acesso à Língua Brasileira de Sinais precocemente, podem apresentar alguns problemas no processo de alfabetização com as letras e palavras do português. A escrita alfabética não capta as relações de significação da língua de sinais, tornando bastante complicado o registro dos pensamentos e significados de uma criança surda de forma completa. A criança surda precisa estabelecer relações com as letras e palavras do português e, quando não encontra, há uma interrupção do processo de significação, pois o sistema escrito não consegue expressar a língua pela qual a

criança organiza o pensamento: a língua de sinais (QUADROS 2000) , o que pode comprometer a sua interação social.

É importante destacar, aqui, o que se entende por “interação social”. Para refletir sobre o tema, buscou-se apoio de Rino (1988). Segundo o autor, entende-se o termo, em princípio, como a relação de dois ou mais sistemas que interferem no funcionamento um do outro. O pesquisador continua, citando que o homem não se define apenas como um sistema orgânico, embora o organismo seja o suporte de sua vida, mas sim, pelo sujeito constituído de sua linguagem que permite que ele se relacione, interfira na vida de outros indivíduos e seja também tocado, transformado por eles. A vida humana é, enfim, uma vida em grupo; se dá por meio das relações que o homem consegue manter no ambiente social, da sua interação com o outro.

O problema é que o mundo ouvinte entende que o ser humano é um ser social, cultural, com regras e costumes e que, no seu processo de desenvolvimento, a aquisição da fala está fortemente atrelada à construção do mundo subjetivo. Todos precisam se identificar com uma comunidade social específica e, com ela, interagir de modo pleno, por meio de relações intersubjetivas, de comunicações linguísticas e experiências sociais (DORON & PAROT, 2001). Porém, isso tudo é diferente para o surdo, este grupo possui um modo de percepção do mundo diferente.

Enfim, não basta uma língua e uma forma de alfabetização para a interação se dar, mas, sim, um conjunto de crenças, conhecimentos e formas de apreensão do mundo comum a todos. É preciso perceber o sujeito surdo não como um desviante, um *outsider*, mas como um ser humano que faz parte de uma cultura diferente, a cultura surda. Como toda cultura, ela engloba problemáticas indenitárias, linguísticas, políticas etc. (PFEIFER, 2003).

É preciso encarar a surdez, como diz Pfeifer (2003), uma surda, doutora em ciências sociais, como um simples conjunto de diferenças: diferença linguística, porque as pessoas surdas se comunicam pela LIBRAS, mesmo que saibam se comunicar oralmente; diferença cultural, pois as pessoas surdas, juntas, compõem a cultura surda; e uma diferença política, porque o surdo vem sendo submetida à opressão e à exclusão. Para a educadora, não se pode impor aos surdos uma adequação ao mundo auditivo. É isto que vem construindo a surdez como deficiência.

E mais: para a pesquisadora, conferir a LIBRAS o estatuto de língua não tem apenas repercussões linguísticas cognitivas, mas também sociais. Se ser anormal é caracterizado pela ausência de língua e de tudo que ela representa (comunicação, pensamento, aprendizagem etc.), a partir do momento em que se tem a língua de sinais como língua do surdo, o padrão de normalidade também muda. Ou seja, a língua de sinais legitima o surdo como “sujeito de linguagem” e é capaz de transformar a “anormalidade” em diferença (PFEIFER, 2003).

Em outras palavras, Pfeifer mostra que, do ponto de vista científico, não há justificativa alguma para equiparar surdez e deficiência. Todos os sujeitos surdos que sofreram atrasos ou fracassos de comunicação ou aprendizagem não são culpados disso, e nem seu déficit auditivo é o vilão da história. No entanto, é provável que a sociedade jamais perceba a surdez desta forma. Mas, por outro lado, em todo o mundo, as minorias “estão caminhando rumo ao reconhecimento das suas diferenças de modo político para que possam exercer sua diferença, social e culturalmente, tendo seus direitos assegurados, visando como objetivo supremo sua integração econômica e sua inserção social” (PFEIFER, 2003).

A pesquisadora lembra que, com toda a tecnologia disponível, estes modos estão sendo, passo a passo, superados e deixados para trás. Exemplos disso são as próteses de última geração que permitem que pessoas que não possuem uma ou as duas pernas tornem-se maratonistas, e a internet, que, junto com a telefonia celular, possibilita comunicação instantânea para as pessoas surdas, por meio dos softwares sociais que veiculam imagens e textos. E é exatamente por essas transformações no âmbito da comunicação que os surdos e ouvintes poderiam ganhar. Isto poderia contribuir para que ouvintes se relacionem com os surdos e, desta forma, esta tecnologia pudesse ser instrumento de desenvolvimento de todos os aspectos, sejam eles cognitivos, emocionais e sociais dos indivíduos surdos, auxiliando na construção de uma sociedade mais justa. As redes formadas por estas tecnologias possibilitam interações mais horizontais, integrando os atores (surdos e ouvintes) num circuito, ampliando a sociabilidade e a confiabilidade (MEIRELLES, 2004), o que é um caminho muito efetivo para a aceitação das diferenças.

Lemos (2004) entende que a tecnologia digital proporciona uma dupla ruptura - no modo de conceber a informação (baseado em processos microeletrônicos) e na maneira de difundir as informações, que é capaz de promover uma nova “qualidade”

de interação. Para ele, a interatividade digital pode ser compreendida como um diálogo entre homens e máquinas, através de uma “zona de contato” chamada interfaces gráficas e em tempo real, mas também pode ser apreendida como a capacidade das pessoas de ampliar sua rede de relacionamentos.

Este artigo, enfim, destaca que os softwares sociais, em sua complexidade, podem promover a saúde e aumentar a vida da população, visto que podem ampliar as possibilidades de interação de todos os atores que circulam por eles, inclusive os surdos, visto que sua língua encontra um canal de comunicação viável à expressão espaço-visual.

### **Interação e saúde**

Saúde é um termo que foi mudando ao longo do tempo e, atualmente, associa-se a valores como: vida, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento, participação e parceria (ANS, 2007, p.14). Este entendimento, basicamente, surgiu na Conferência de Alma Ata, realizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1979. Isso significa que não é apenas a ausência de enfermidades ou invalidez que faz com que o indivíduo seja saudável, mas o completo bem estar físico, mental e social.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), no primeiro parágrafo da sua Carta Internacional de Abertura, afirma que “a saúde é o completo bem-estar social, físico e social” (redigida na cidade de Nova Iorque, em 22 de Julho de 1946).

É esta articulação entre saúde e condições/qualidade que fez surgir a promoção da saúde como campo conceitual e de prática, que busca respostas para questões como a que é apresentada aqui, o reenquadramento da interação entre surdos e ouvintes, no sentido de garantir uma vida mais digna para esse grupo de pessoas com necessidades peculiares e ampliar a visão dos ouvintes em relação às diferenças, especialmente linguísticas, que podem ser superadas com a utilização de ferramentas de comunicação como os softwares sociais, em que se amplia a possibilidade das expressões em diferentes códigos (BUSS, 2000).

No processo desta pesquisa, uma informação foi fundamental para determinar sua condução: ouvindo depoimentos de alguns surdos, estudantes de pós-graduação, professores de Língua Brasileira de Sinais, de várias cidades do sul do

Brasil e que dominam bem o português como segunda língua – isto é, não têm dificuldade na compreensão do português escrito e, por isso, não teriam barreiras linguísticas –, verificou-se que a maioria de seus contatos nas plataformas sociais eram os próprios surdos.

Diante disso, definiu-se o problema de pesquisa como os softwares sociais têm servido de mediadores para a interação social entre surdos e ouvintes? Quais as ferramentas que eles oferecem para a inserção entre surdos/ouvintes e surdos/surdos?

A pesquisa buscou descrever como os surdos vêm usando os softwares sociais, considerados ferramentas de interação com o mundo ouvinte.

## 2.2 - METODOLOGIA

Esta pesquisa exploratória tem caráter descritivo. Realizada com 12 surdos, que estudam pós-graduação numa instituição federal do sul do Brasil, com idade entre 25 a 43 anos, residentes em várias cidades do sul do país. Escolheu-se este grupo por serem surdos que estão num bom nível de leitura do português, por já estarem na pós-graduação e por serem professores de LIBRAS para surdos e ouvintes, o que faz com que estejam em contato frequente com o português escrito. E que, de certa forma, são representantes de vários lugares no sul do Brasil, onde a luta pela educação surda sempre foi mais efetiva.

Foram realizadas conversas de 40 minutos, entre um período e outro das aulas na pós-graduação de uma instituição de ensino presencial, durante o mês de novembro de 2014. O entrevistado era abordado, individualmente, e explicava-se o objetivo da pesquisa. Depois de certificado que ele havia entendido os objetivos, a conversa, quase informal, era filmada com a câmera de um celular modelo Win Duos de marca SAMSUNG. As conversas giraram em torno dos softwares sociais: com quem usavam e como usavam, e quais ferramentas eram utilizadas. Posteriormente, as respostas foram traduzidas para o português, transcritas e analisadas, por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2009). A partir deste referencial, os dados foram organizados em torno de três polos: 1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

## 2.3 - RESULTADOS

Dos doze (12) professores surdos entrevistados, seis eram mulheres e seis homens, graduados e estudantes de pós-graduação. Percebeu-se que os softwares sociais eram usados de forma significativa por 11 dos 12 entrevistados (92%). Verificou-se, também, que esses surdos, os mesmos 11 (92%) acessam com maior frequência o *Facebook*. Afirmações enfáticas foram percebidas nas expressões faciais no momento da resposta. Com sobrancelhas saltadas e mãos em posições abertas confirmando sua afirmação. Os depoimentos deixaram claro que, cada vez mais, os softwares sociais ganham força, e o Facebook é um espaço social importante na vida desses sujeitos.

Entre os 12 surdos, oito deles (58,34%) afirmaram que, além do Facebook acessam o Skype. Apontaram esta plataforma como um excelente meio de conversar online através da Língua de Sinais, utilizando a webcam. “Uso Facebook e, especificamente, o Skype com minha família, porque mesmo que eles não saibam se comunicar por sinais, tentamos nos comunicar por mímica e amenizar a saudade nos vendo pela webcam” (Entrevistada 1).

Nesse mesmo grupo de 12, três entrevistados (25%) utilizam o WhatsApp<sup>6</sup> como forma de se comunicar com seus amigos surdos e ouvintes, representando 92% do total. Um ainda citou o Youtube.

11 dos 12 entrevistados afirmaram que têm mais contatos com surdos nos softwares sociais, por terem problema em relação à interação entre os surdos e ouvintes.

Entrevistado 1: Tenho mais contato principalmente com surdos, embora tenha ouvintes na minha rede, mas não conversamos, apenas vejo as fotos deles, pois eles usam metáforas ou palavras abreviadas, ficando difícil de entender. Uso Skype com minha família e uso a webcam com eles, só pela saudade, mas me utilizo mais da escrita.

Outra postura percebida através das entrevistas foi que alguns surdos se utilizam dos softwares sociais como meio de divulgação de notícias e outras atividades. Segundo um deles, neste caso, ele opta por redigir para que as pessoas conheçam melhor a escrita dos surdos:

---

<sup>6</sup>WhatsApp. Messenger é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Está disponível para smartphones iPhone, BlackBerry, Windows Phone, Android e Nokia. Disponível em: < [www.whatsapp.com/?l=pt\\_br](http://www.whatsapp.com/?l=pt_br) >. Acessado em 10 jan de 2014.

Entrevistado 2: Gosto de interagir com surdos de todo Brasil, tenho amigos surdos da Alemanha, e gosto de ser multiplicador de informações importantes, como cursos e congressos. Eu também uso com ouvintes, porque acho importante a interação e troca de informações. Converso com professores ouvintes, intérpretes ouvintes entre outros profissionais, e eu gosto muito dessa interação. Acho que ouvintes precisam entender melhor como os surdos escrevem, saber que os surdos têm sua própria língua. Às vezes, os ouvintes não entendem que os surdos escrevem diferente, então, utilizo de muitas estratégias para ser entendido e não tenha esse problema de comunicação. Quando eu era mais jovem só queria conversar com surdos, hoje mais maduro mudei, e, agora, depois de formado e com pós, percebi que os surdos devem se sentir valorizados de igual forma em relação aos ouvintes e, por isso, a comunicação entre eles é fundamental.

O Entrevistado 3 contribuiu com essa discussão, deixando claro seu descontentamento em perceber que os ouvintes não conhecem como os surdos escrevem. Por isso, acaba utilizando as tecnologias de comunicação digitais apenas entre os surdos. “Embora tenha alguns amigos ouvintes, esses não conhecem a cultura surda e fica mais difícil a comunicação” (Entrevistado 3).

Outra entrevistada explica, em detalhes, este processo:

Entrevistado 5: Uso mais com surdos, porque ligamos a *webcam* e, quando digitamos algo, nos entendemos porque escrevemos do “jeito surdo”. Quando converso com ouvintes e eles não entendem o que escrevo, me sinto mal. Isso ocorre porque o português não é nossa primeira língua, mas é a primeira deles e eu também, às vezes, não entendo o que eles escrevem. Isso faz com que tenhamos problemas de comunicação. Desta forma, tentamos usar de estratégias para ficar mais clara a compreensão, como exemplo, reformular a frase ou usar a *webcam*, pois se esse ouvinte sabe LIBRAS, a comunicação fica melhor com a *webcam* em LIBRAS. Já aconteceu de estar conversando com ouvinte e ele sumir das redes, porque não teve paciência de tentar entender a forma como eu escrevia.

A Entrevistada 1 afirma que usa muito os softwares sociais para não perder o contato com a família, mas também reforça a opinião de que os ouvintes não conhecem a cultura surda, o que, nesse discurso seria, não conhecem a “escrita surda”. “Uso com minha família ouvinte, me ajuda a ter contato com eles, pois não poderia usar o celular por ser surdo, então, uso muito WhatsApp. Mas, de forma geral, eu uso mais com surdos, porque eles conhecem o jeito que surdos escrevem, ou seja, conhecem a cultura surda”. Outra entrevistada cita o fato de algumas pessoas acharem que os surdos não têm autonomia e precisam de familiares por

perto para se inserir no mundo, por isso, acaba não tendo disposição de começar uma conversa com um ouvinte:

Entrevistada 6: Converso mais com surdos, porque a comunicação flui quando nos utilizamos da webcam, tenho dificuldade na comunicação com ouvintes, pois escrevem muitas coisas que não entendo da mesma forma eles não entendem o que os surdos escrevem. Eu tenho dificuldade com a concordância do português e, às vezes, preciso mandar e-mail importante e mando várias vezes reformulando a frase e aviso que sou surda e escrevo diferente. Já pediram pra eu pedir para o meu pai ou para minha mãe, e sempre respondo que não gosto de depender da minha família, porque sei que tenho capacidade, pois os ouvintes precisam aprender minha forma de escrever.

O desconhecimento sobre a cultura surda pode causar situações desagradáveis. Um dos entrevistados descreveu um fato desconcertante ocorrido com um surdo:

Entrevistada 8: Um amigo surdo foi jogar games com ouvintes e um reclamou do português dele. O meu português é muito bom, mas ele tinha dificuldade. Quando fomos jogar chamamos várias pessoas aleatoriamente e, no decorrer do jogo, meu amigo surdo errou e perdeu. Aí, um dos ouvintes que fazia parte do nosso grupo começou a xingar meu amigo surdo, dizendo que ele não tinha atenção, era burro. Meu amigo surdo começou a discutir com ele e esse ouvinte disse: “Eiii você é de outro país ou tem 10 aninhos pra escrever desse jeito?”. Aí eu entrei na briga pra explicar que ele era surdo e o ouvinte disse: “E daí? Não sabe português?”. Isso ocorreu porque o ouvinte não conhece a cultura dos surdos e não entende que a língua dos surdos não é o português escrito nem falado.

Outra informação importante que percebemos na fala dos surdos não foi, apenas, o medo de se expor com sua escrita, mas também a dificuldade de entender algumas mensagens escritas por ouvintes, que se utilizam de muitas metáforas.

As metáforas presentes na língua são uma manifestação da maneira como entendemos e conceitualizamos determinados temas. Trata-se de uma operação estreitamente ligada à experiência com o mundo, “para compreender/conceitualizar um domínio mais abstrato, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta. São, portanto, nossas experiências corpóreas que geram metáforas que subjazem à nossa língua” (LAKOFF & JOHNSON, 1980, pag.03). Como surdes e ouvintes têm realidades cognitivas e subjetivas diferentes, absorvem as experiências distintamente, o que não permite que tenham conceitualizações semelhantes.

Porém, a resposta mais surpreendente foi colhida do depoimento do Entrevistado 8, que disse que não se relaciona com surdos pelos softwares sociais, porque foi alfabetizado em português e tem dificuldade de compreender a escrita dos surdos. Com os não ouvintes, ele costuma usar o Skype e conversar em LIBRAS; isto é, ele raramente usa o Facebook com surdos.

Em outro momento da conversa com os entrevistados, foi perguntado se, de alguma forma, os softwares sociais ajudam aos surdos a melhorar o português escrito. Onze dos doze (92%) surdos entrevistados afirmaram que sim e que isso se dá com seus contatos ouvintes. O Entrevistado 4 disse que, “quando teclar com ouvintes, sempre tem palavras novas que preciso pesquisar. Antes disso não conhecia muitas palavras e com informações em meus estudos e com os softwares sociais me ajudaram aos poucos a aumentar meu vocabulário”.

No entanto, uma surda disse também haver pontos negativos nessa relação, pois alguns ouvintes escrevem de forma abreviada nas mídias sociais:

Entrevistada 1: Sim acho que ajuda, mas existem seus pontos positivos e negativos. Pois se há algumas palavras que tenho dúvida, pesquiso e isso faz com que aprenda. Porém, tem palavras abreviadas que se tornaram populares, que ficam diferentes, ex: VC, PQ, e essas palavras não são escritas na íntegra, só depois de algum tempo entendendo o que elas significam. Então, pra mim tem seu ponto positivo e negativo. Mas, de forma geral, acho que ajuda sim.

## 2.4 - DISCUSSÃO

Os softwares sociais se apresentam como ferramenta útil para os surdos, uma vez que melhoram o seu português escrito, fazendo crescer seu vocabulário. No entanto, o que realmente marca nos depoimentos levantados para a pesquisa é que, apesar desta ser uma ferramenta que permite que as pessoas se expressem em diversas linguagens, utilizando os códigos, visual e verbal, a língua portuguesa escrita ainda é a principal mediadora, o que produz uma grande barreira linguística, que promove outras barreiras, como apontou Pfeifer (2003): culturais e políticas.

No caso do uso da língua portuguesa pelos surdos, segundo Góes (1996), há o uso inadequado e a omissão de preposições, erros na conjugação e no tempo verbal, gerando inconsistências entre passado e presente, flexão inadequada de

gênero (adjetivos, artigos), uso incorreto ou ambíguo de pronomes pessoais e possessivos e de elos coesivos, inclusão de palavras inventadas com significados não convencionais e ausência de conexão entre as partes do texto, que cria uma aura de preconceito em relação a este grupo e vai refletir nas suas inserções nos softwares sociais.

Quadros (2013) nos ajuda nesse raciocínio quando diz que o que chamamos de cultura surda se apresenta com características que são específicas, ela é visual, traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem dos surdos transcendem as formas que os ouvintes possuem. Essas características são de outra ordem, com base visual e acabam fazendo sentido apenas para os próprios surdos.

Um importante detalhe encontrado por esta pesquisa, não valorizado por outros autores é a utilização da *webcam* pelos surdos como ferramenta mediadora. Seis dos 12 entrevistados citaram este instrumento em seus depoimentos, apontando que esta tecnologia facilita a comunicação rápida entre os surdos, visto que eles podem se comunicar na sua primeira língua. Segundo Garcez e Maia (2009), mesmo que tenha um bom conhecimento da língua portuguesa escrita, a maioria dos surdos se comunica por meio da língua de sinais.

Mas, quando não o fazem, se deparam com outros obstáculos, como o internetês, como é conhecido o português escrito na internet. Este é caracterizado por simplificações de palavras que levariam em consideração, para sua composição, a modalidade falada da língua, em detrimento da modalidade escrita (KOMESU, 2009). Esse é outro motivo pelo qual muitos surdos disseram ter, na maioria de seus contatos nos softwares sociais, outros surdos, pois se sentem confortáveis em poder se comunicar em sua primeira língua, a LIBRAS.

Nos depoimentos colhidos para esta pesquisa, ainda se nota que os surdos tentam usar de “muitas” estratégias (Entrevistado 2) para ficar mais clara a compreensão da sua escrita, como reformular a frase (Entrevistado 5), para facilitar a comunicação com os ouvintes nos softwares sociais, mas, acabam optando por uma relação mais frequente com aqueles que dominam sua língua mãe, a LIBRAS, visto que, mesmo assim, não são compreendidos. Desta forma, confessaram que usam o Skype, especialmente, mas também a do WhatsApp para conversar entre eles ou com a família.

Além das questões ortográficas, alguns dos entrevistados apresentaram a intolerância como uma carga histórica de desconforto ou trauma no uso da língua portuguesa, como mostrou o depoimento sobre o episódio do jogo de videogame do Entrevistado 8.

Nas palavras de Frosi, Faggion e Corno (2011) “via de regra, quando ocorre uma situação de contato entre línguas, a língua identificada com um grupo de menor poder político, econômico e/ou cultural será a língua minoritária ou estigmatizada, contrastando com a língua majoritária ou de prestígio”, afetando – na maioria dos casos, os seus falantes. Essa segregação, neste caso, vinda dos ouvintes, se mostra não somente numa violência explícita, como o caso narrado por um dos entrevistados, mas por meio de violências mais sutis, como a coerção psicológica, “através de enunciados desvalorizadores da língua de sinais proferidos, principalmente, por ouvintes adultos para crianças surdas” (PFEIFER, 2003).

Vê-se que as questões de vivência e de convivência com o mundo ouvinte, fundamentais para a comunidade surda, ainda não são parte integrante das relações entre estes dois mundos nos softwares sociais. Isto porque o desconhecimento da cultura surda ainda é um obstáculo entre o mundo surdo e ouvinte.

“Quando eu era mais jovem só queria conversar com surdos, hoje, mais maduro, mudei, e agora, depois de formado e com pós, percebi que os surdos devem se sentir valorizados de igual forma em relação aos ouvintes e, por isso, a comunicação entre eles [surdos e ouvintes] é fundamental”, reforça o Entrevistado 2.

## 2.5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os surdos se utilizem de um grupo das ferramentas de Comunicação Mediada por computador (CMC), chamadas aqui de softwares sociais, vêm utilizando essas ferramentas para interagir com os próprios surdos, por causa das barreiras linguísticas com os ouvintes, apesar de conhecerem os recursos multimídia destes softwares sociais. No que diz respeito a esses recursos, a pesquisa chama a atenção para a utilização das ferramentas de vídeo do Facebook, do WhatsApp e, especialmente, do Skype, como instrumento mediador de ações de comunicação entre os surdos entrevistados e outros não ouvintes.

Assim, ao refletirmos sobre o fato do uso dos softwares sociais vemos que vêm sendo utilizados como mediadores de uma interação social que, segundo RINO (1998), propõe uma relação de compartilhamento de experiências entre os indivíduos e grupos, por meio das relações sociais. A tecnologia pode não ser considerada uma ferramenta que amplia a capacidade dos surdos de circular por meio de ações comunicativas no mundo ouvinte. Porém, as possibilidades de linguagem híbrida dos softwares vêm mediando a comunicação no ambiente digital, apesar dos vários obstáculos que extrapolam as questões linguísticas e vão para outros ambientes, como o cultural e o político.

Diante desses dados, alerta-se para a necessidade de os desenvolvedores de softwares sociais investam na criação de novas ferramentas que possam ser pontes entre as especificidades de mundos diferentes, como o mundo dos surdos citado neste trabalho. Quais as novas possibilidades de tradução de textos em imagens? Fica a pergunta. Afinal, o ambiente da internet já comporta imagens que falam, como os *emoticons*, os *gifs*, os vídeos, as fotos etc., que podem, com certo esforço, se transformar em pontes na interação ouvintes/surdos, além de outras várias possibilidades de linguagem que a híbrida web nos oferece.

Porém, as ações não podem se deter a este aspecto: é necessário pensar em estratégias que possam ampliar as relações entre ouvintes e surdos. Para que isso ocorra, é preciso que se implementem projetos e que se desenvolvam novos estudos que levem à sociedade ouvinte, cuja maior parte dos indivíduos utiliza a língua oral majoritária, informações que possam desmistificar a cultura surda. Reconhecer a condição bilíngue do surdo implica aceitar que ele vive entre duas línguas e que ele se constitui e se forma a partir desta realidade. Com isso, contribui-se para que a língua deixe de ser algo que separa e segrega, especialmente, na era das linguagens e mundos híbridos na qual estamos vivendo.

## 2.6 – REFERÊNCIAS

AFONSO, A. S.; Uma Análise da Utilização das Redes Sociais em Ambientes Corporativos, 2009, 163 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

ARCOVERDE, R. D. L. Tecnologias digitais: novo espaço interativo na produção escrita dos surdos. *Caderno Cedes*, 26(69), 251-267, 2006.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4 ed, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BOYD, D., & Ellison, N., Social networks sites: definition, history, and scholarship. *Journal Computer Mediated Communication*. Vol 13. October. 2007.

BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da saúde e qualidade de vida. Ver. Ciências e Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em :< [http://www.moodle.ufba.br/file.php/12338/Textos/Texto\\_1\\_PS0Promo odasa deequ alidadedevida.pdf](http://www.moodle.ufba.br/file.php/12338/Textos/Texto_1_PS0Promo%20odasa%20deequ%20alidadedevida.pdf)> Acesso em 30 jan 2015.

CASTELLS, M.A. A Sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura). V.1. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CARTORIADIS, C. *L'institution imaginaire de la société*. Paris: Ed. du Seuil, 1975.

CHATTI, M.A., Jarke, M. & Wilke, D.F. The future of elearning: a shift to knowledge networking and social software. *Journal of Knowledge and Learning*. Vol. 3. p.404-420. 2007.

DELORS. Jacques e EUFRAZIO, José Carlos. Educação: um tesouro a descobrir. 1998. Disponível em:< <http://www.cursoavancos.com.br/downloads/material/3.pdf>. Acesso 21 abril 2015.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito e CAPORALI, Sueli Aparecida. A Língua de Sinais Constituindo o Surdo como Sujeito. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a14v2691>> Acesso em 16 abril 2015.

FELICE, Massimo Di.(organizador). Era digital do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2008.

FELIPE, T. A. (1997). Introdução à gramática da LIBRAS. *Série Atualidades Pedagógicas*, 4(3), 81-107.

FROSI, Vitalina Maria, FAGGION, Carmem Maria e CORNO, Gisseli Olívia Mantovane. Da Estigmatização a Solidariedade. Méti: história & cultura, 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/1227/850>. cessado em 14 març 2015.

GARCEZ, Regiane L. O. e MAIA, Rousiley C. M.. Lutas por reconhecimento dos surdos na Internet: efeitos políticos do testemunho. Rev. Sociol. Polit. [online]. 2009, vol.17, n.34, pp. 85-101. ISSN 0104-4478. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a07v17n34.pdf>> Acesso em 12 jan 2015.

GÓES, M. C. Linguagem, surdez e educação. Campinas: Autores Associados, 1996.

GOLDIM-MEADOW, S., & MORFORD, M. (2002). Gesture in early child language. In V. Volterra & C. J. Erting (Eds.), From Gesture to language in hearing and deaf children (pp. 249-262). Washington, DC: Gallaudet University Press.

GUIMARÃES, Angela Deise Santos. Leitores surdos e acessibilidade Virtual mediada por Tecnologias de Informação e Comunicação. Cuiabá –MT, 2009.

GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

HARRISON, K.M.P. O momento do diagnóstico de surdez e as possibilidades de encaminhamento. In: LACERDA, C.B.F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (Org.). Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe. São Paulo: Plexus, 2000.

HERRING, S. C. Interactional coherence in CMC. In: Journal of computer-mediated communication, vol 4, nº4 (1999).

KOMESU, Fabiana & TENANI, Luciani: Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. *Ling. (dis)curso*, Dez 2009, vol.9, no.3, p.621-643.

KOMESU, Fabiana. Espaços e fronteiras da “liberdade de expressão” em blogs na internet. *Trab.linguist.apl.*, Dez 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v49n2/03.pdf>> Acesso 05 fev 2014.

LAKOFF, G & JOHNSON, M. *Mettaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAZAR, J. & PREECER, J. Social Considerations in Online Communities: Usability, Sociability, and Success Factors. In *Cognition in the Digital World*. Lawrence Erlbaum Associates Inc. Publishers. p.127-151. 2003.

LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre, RS, 2004.

LOPES, Maura Corcini. *Surdez & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOPES, M. C.; VEIGA-NETO, A. Marcadores culturais surdos. In: VIEIRAMACHADO, L. e M. C.; LOPES, M. C. (Org.). Educação de Surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

MACHADO, Joicemegue Ribeiro e TIJIBOY, Ana Vilma. Uma Análise sobre as Redes Sociais Virtuais. monografia de Pós-Graduação e Especialização em Informática na Educação (UFRGS, turma 2003).

MATOS, Felipa Andreia Martins. O Skype como ferramenta de interação e colaboração no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras em teletandem. Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em Mestrado em Pedagogia do Elearning, Lisboa, 2011. Disponível em:< <http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2087/1/Filipa%20Matos-TMPEL.pdf>. Acesso em 21 abril 2015.

MEIRELLES, Betina H. S. Redes sociais em saúde: desafio para uma nova prática em saúde e enfermagem. Trabalho apresentado como requisito ao concurso público para Professor Adjunto (Departamento de Enfermagem)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

MITRA, A. 2001. Marginal Voices in Cyberspace. *New Media & Society*, London, v. 3, n. 1, p. 29-48.

PEIXOTO, R.C. “Algumas considerações sobre a interface entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda”. In: Caderno Cedes, Campinas, vol. 26, nº 69, 2006, p.205-229.

PFEIFER, Paula Veras. Pensando a Integração Social dos Surdos: Uma análise sobre a escolha da modalidade linguística- língua de sinais ou língua oral. Trabalho de Conclusão de Cursos. Santa Maria .RS, 2003. Disponível em:< [www.cultura-surda.eu/resources/Tsis\\_Pfeifer\\_2003.pdf](http://www.cultura-surda.eu/resources/Tsis_Pfeifer_2003.pdf)> Acesso 15 março 2015.

PEREIRA, Roberto, Baranauakas, Maria Cecília e SILVA, Sergio Roberto C. da. Anais do IX Simpósio sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais Páginas 149-158 Sociedade Brasileira de Computação Porto Alegre, Brasil , Brasil © 2010.

QUADROS, Ronice Muleer de. e KARNOPP, Lodenir Backer. Estudos Linguísticos. Porto Alegre, Artmed, 2007. Educação de surdos: inclusão/exclusão. Ponto de Vista, Florianópolis. SC,2003.

QUADROS, Ronice Muller de. Situando as diferenças implicadas n

QUADROS, Ronice Muller de. Alfabetização e o ensino da língua de sinais. Textura, Canoas, n.3, p. 53-62, 2000.

RAMOS, Fabrício Mähler. A Comunidade Surda e o Facebook. Revista Ampliar. Porto Alegre,2014.Disponível em <

<http://gravatai.ulbra.tche.br/jornal/index.php/revistaampliar/article/view/31>> Acesso 14 março 2015.

RAMOS, Clélia Regina. LIBRAS: A língua de sinais dos surdos brasileiros. Editora Arara Azul. Rio de Janeiro, 2002, Disponível em: < <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>> acesso em 02 abril 2014.

RECUERO, R. C. Teoria das redes sociais e redes sociais na internet: considerações sobre o Orkut, os weblogs e os fotologs. Disponível em: <[http://www.rits.org.br/redes\\_teste/rd\\_tmes\\_jun2005.cfm](http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_tmes_jun2005.cfm)>. Acesso em: 26 jul. 2006.

RECUERO, Raquel da Cunha: Revista Famecos – Midia, Cultura e Tecnologia, Abril. 2009.

RECUERO, Raquel da Cunha: Um estudo do Capital Social gerado a partir de Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/composraquelrecuero.pdf>> . Acesso em 19 maio 2014.

ROSA, Andréia da Silva e CRUZ, Cristiano Cordeiro. INTERNET: FATOR DE INCLUSÃO DA PESSOA SURDA. Disponível em: < [http://www.cultura-sorda.eu/resources/SilvaCordeiro\\_INTERNET\\_FATOR\\_+INCLUSAO\\_DA\\_PESSOA\\_SURDA\\_2001.pdf](http://www.cultura-sorda.eu/resources/SilvaCordeiro_INTERNET_FATOR_+INCLUSAO_DA_PESSOA_SURDA_2001.pdf)> Acesso em 19 maio 2014.

RINO, Angel. A Questão da Interação Social. 1998, UNICAMP. Disponível em: <<http://www.uel.br/pessoal/moises/Arquivos/Ainteracaosocialperspectivasociohistorica.pdf>>. Acessado em 20 abril 2015.

SAUSSURE, F. de. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 1987.

SCHELESINGER, H. S., & MEADOW, Ka. Sound and sign: childhood deafness and mental health. Berkeley: University of California Press, 1972.

SHIMAZAKI, Vinicius Kenji e PINTO, Maria Marcia Matos. Profa. Dra. Maria Márcia Matos Pinto. A influência das Redes Sociais na Rotina dos Seres Humanos. – Periódico Eletrônico da FATEC-São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, v. 1, n. 5, Out/Dez 2011, p. 171 a 179. Disponível em: <<http://fatecsaocaetano.edu.br/fascitech/index.php/fascitech/article/viewFile/57/56>>. Acesso em 20 abril 2015. face

SILVA, Angélica Baptista, Morel, Carlos Médicis and Moraes, Ilara Hämmerli Sozzi de Proposta conceitual de telessaúde no modelo da pesquisa translacional. Rev. Saúde Pública, Abr 2014. Disponível em : [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102014000200347&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102014000200347&lng=pt&nrm=iso)> Acesso 05 jan 2015.

TAGGING, Smith, G. People-Powered Metadata for the Social Web. New Riders, Berkley. 2008.

SKLIAR, C. *Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

STROBEL, K. 2006. Visão histórica sobre a in(ex)clusão dos surdos. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 244-252, jun.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *Revista Contingentia*, 2006, Vol. 1, novembro 2006. Disponível em: <<http://core.ac.uk/download/pdf/14525028.pdf>>. Acesso em 21 abril 2015.

STUMPF, M. R. Língua de sinais: escrita dos surdos na internet. Em *Anais do V Congresso Iberoamericano de Informática Educativa*, Viña del Mar, Chile, 2000.

STUMPF, M. R. *Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de sinais no papel e no computador*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2005.

VIEIRA, Paulo Jorge. Direitos e Diversidade. In: FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. 2003. Porto Alegre. Conferências. Rio de Janeiro: Secretaria Internacional do Fórum Social Mundial; IBASE, 2003. p. 75-80. (Coleção Fórum Social Mundial 2003, v. 1).

VIROLE, B. (2000). La pensée visuelle. In B. Virole (Ed.) *Psychologie de la surdité* (Deuxième édition, pp. 201-218). Paris: De Boeck & Lacier.

VYGOTSKY, L.S. Concrete human psychology. *Soviet Psychology*, v. 27, n. 2, p. 53-77, 1989.

WRIGLEY, O. *The politics of deafness*. Washington: Gallaudet University Press. 1996.

### 3- CONCLUSÃO GERAL

Através desta pesquisa, conclui-se que os surdos utilizam o Facebook como principal software social e usam com seus amigos surdos, pois, na grande maioria das falas dos entrevistados da pesquisa de campo, percebe-se que os surdos se ressentem sobre o fato de que os ouvintes não entendem o “jeito surdo” de escrever, o que constrange o grupo dos não ouvintes a “teclar”.

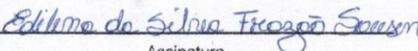
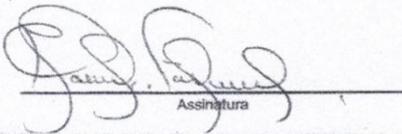
Desta forma, pode-se perceber e refletir que, apesar de existirem barreiras entre surdos e ouvintes, os softwares sociais vêm sendo utilizados como mediadores tecnológicos entre surdos e surdos e surdos e ouvintes. As tecnologias vencem a distância, mas não vencem o preconceito, que segrega mundos que, apesar de afastados culturalmente, habitam o mesmo espaço social.

Viu-se que há uma tentativa de alguns entrevistados de se inserir por meio dos softwares sociais no mundo ouvinte como iguais. Mas este trabalho quer apontar que isso é difícil, porque os dois grupos não são efetivamente iguais. Há diferenças de apreensão do cotidiano e das subjetividades. Essas diferenças não podem ser vencidas por ferramentas tecnológicas apenas, mas por ações de educação e de promoção que possam fazer cada ator perceber que contribuição pode dar ao estreitamento das relações sociais entre ouvintes e surdos. É preciso mostrar, por exemplo, que assim como os surdos têm sua escrita, cheia de erros, no que diz respeito à língua portuguesa, o mundo da internet também tem as suas questões ortográficas. Essa prática, apelidada de internetês, pode ser uma barreira linguística importante, uma dificuldade para se criar pontes com grupos que apreendem a realidade de maneira peculiar.

Acredita-se, que é preciso se promover ações entre ouvintes e surdos nos softwares sociais que permitam que as diferenças, especialmente, linguísticas, sejam conhecidas. O conhecimento, geralmente, leva o sujeito, aos poucos, à aceitação do novo.

## ANEXO I – Folha de Rosto para pesquisas envolvendo seres humanos

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP  
**FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS**

|  |  |   |                                     |
|--|--|---|-------------------------------------|
| 1. Projeto de Pesquisa:<br>Os indivíduos de um grupo de jovens surdos da cidade de Maringá, na faixa etária dos 18 aos 30 anos, que fazem parte de amigos do face que também façam parte do grupo do face chamado /Vocabulos em LIBRAS/.   |  | 2. Número de Participantes da Pesquisa:<br>20   |                                     |
| 3. Área Temática:  |  |   |                                     |
| 4. Área do Conhecimento:<br>Grande Área 4. Ciências da Saúde, Grande Área 7. Ciências Humanas  |  |   |                                     |
| <b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>   |  |   |                                     |
| 5. Nome:<br>Edilene da Silva Frazão Sausen   |  |   |                                     |
| 6. CPF:<br>460.516.432-49  | 7. Endereço (Rua, n.º):<br>Rua Evaldo Braga Jardim Ipanema 409 MARINGA PARANA 87053220             |   |                                     |
| 8. Nacionalidade:<br>BRASILEIRO  | 9. Telefone:<br>(44) 9916-3583   | 10. Outro Telefone:   | 11. Email:<br>frazolene@hotmail.com |
| 12. Cargo:   |  |   |                                     |
| <p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> |  |   |                                     |
| Data: <u>07 / 01 / 2014</u>  |  | <br>Assinatura |                                     |
| <b>INSTITUIÇÃO PROPONENTE</b>  |  |   |                                     |
| 13. Nome:<br>Centro Universitário de Maringá - CESUMAR   | 14. CNPJ:<br>79.265.617/0001-99  | 15. Unidade/Orgão:  |                                     |
| 16. Telefone:  | 17. Outro Telefone:  |   |                                     |
| <p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>  |  |   |                                     |
| Responsável: <u>Cláudio Ferdinandi</u>   | CPF: <u>006.438.827-87</u>   |   |                                     |
| Cargo/Função: <u>Diretor Presidente</u>  | <br>Assinatura |   |                                     |
| Data: <u>19 / 06 / 2013</u>  |  |   |                                     |
| <b>PATROCINADOR PRINCIPAL</b>  |  |   |                                     |
| Não se aplica.   |  |   |                                     |

## ANEXO II – Declaração de Autorização do Local

**DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DO LOCAL**

Cidade / UF, dia / mês / ano.

Ilmo Sr.

Prof. Dr. Joaquim Martins Junior

**Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-Cesumar)****CESUMAR – Centro Universitário de Maringá**

Prezado Coordenador,

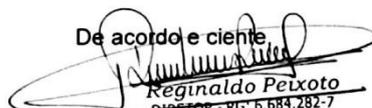
Eu,



declaro, a fim de viabilizar a execução do projeto de pesquisa intitulado OS SURDOS E OS SOFTWARES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DE LINGUAGENS E CÓDIGOS, sob a responsabilidade do(s) pesquisador (es) Edilena da Silva Frazão Sausen, Ana Paula Machado Velho e Verônica Muller que a UNICESUMAR – CENTRO UNIVERSITÁRIO CESUMAR, conforme Resolução CNS/MS 196/96, assume a responsabilidade de fazer cumprir os Termos da Resolução nº 196/96, de 10 de Outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99, 303/2000, 304/2000, 340/2004, 346/2005 e 347/2005), viabilizando a produção de dados da pesquisa citada, para que se cumpram os objetivos do projeto apresentado.

Esperamos, outrossim, que os resultados produzido possam ser informados a esta instituição por meio de Relatório anual enviado ao CEP ou por outros meios de praxe.

De acordo e ciente



**Reginaldo Peixoto**  
DIRETOR - RG: 6.684.282-7  
RES. 6012/2011 - D.O.E. 28/12/2011

**Assinatura do responsável****Carimbo ou marca d'água do Diretor ou responsável pela Instituição (escola, clínica, indústria, hospital e demais)**

## ANEXO III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)****OS SURDOS E OS SOFTWARES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DE INTERAÇÃO ENTRE SURDOS E OUVINTES.**

Declaro que fui satisfatoriamente esclarecido pelo(s) pesquisador(es) Edilena da Silva Frazão Sausen, **Ana Paula Velho**, em relação a minha participação no projeto de pesquisa intitulado OS SURDOS E OS SOFTWARES SOCIAIS: UMA **ANÁLISE DE INTERAÇÃO ENTRE OS SURDOS E OUVINTES**, cujo objetivo é analisar como os surdos realizam as “leituras” de diferentes códigos e linguagens presentes nas expressões verbais, visuais e cinéticas dos softwares sociais, residentes no município de Maringá – PR. Esta é uma pesquisa exploratória, com ação de campo e com caráter de análise qualitativo, onde no primeiro momento, será realizada uma revisão bibliográfica de artigos, teses e dissertações, para determinar o que são códigos e linguagens e definir softwares sociais. Num segundo momento, serão realizadas intervenções, norteadas pela metodologia de pesquisa-ação, que procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. Afirmo que esta pesquisa não inclui riscos e seu nome será preservado. Uma copia do documento ficará com o participante. Estou ciente e autorizo a realização dos procedimentos acima citados e a utilização dos dados originados destes procedimentos para fins didáticos e de divulgação em revistas científicas brasileiras ou estrangeiras contanto que seja mantido em sigilo informações relacionadas à minha privacidade, bem como garantido meu direito de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento de dúvidas acerca dos procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, além de que se cumpra a legislação em caso de dano. Caso haja algum efeito inesperado que possa prejudicar meu estado de saúde físico e/ou mental, poderei entrar em contato com o pesquisador responsável e/ou com demais pesquisadores. É possível retirar o meu consentimento a qualquer hora e deixar de participar do estudo sem que isso traga qualquer prejuízo à minha pessoa. Desta forma, concordo voluntariamente e dou meu consentimento, sem ter sido submetido a qualquer tipo de pressão ou coação.

Eu, \_\_\_\_\_ após ter sido esclarecido sobre as dúvidas referentes ao estudo, concordo voluntariamente em participar.

Maringá, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_\_.

u, \_\_\_\_\_ Edilena da Silva Frazão Sausen \_\_\_\_\_ declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo ao sujeito da pesquisa.

Para maiores esclarecimentos, entrar em contato com os pesquisadores nos endereços abaixo relacionados:

eço: Nome: \_\_\_\_\_ Ana Paula Machado Velho  
 Ender \_\_\_\_\_ Avenida Guedner, 1610  
 Bairro: \_\_\_\_\_  
 Ciudad \_\_\_\_\_ Maringá \_\_\_\_\_ PR  
 e: Fones: \_\_\_\_\_ 44 – 3027 6360 \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ F: \_\_\_\_\_ Anapaula.mac@gmail.com  
 \_\_\_\_\_ -mail: \_\_\_\_\_

eço: Nome: \_\_\_\_\_ Edilena da Silva Frazão Sausen  
 Ender \_\_\_\_\_ Evaldo Braga, 409  
 Bairro: \_\_\_\_\_ Jd. Ipanema  
 Ciudad \_\_\_\_\_ Maringá \_\_\_\_\_ PR  
 e: Fones: \_\_\_\_\_ 44 – 9916-3583 \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ F: \_\_\_\_\_ frazaolene@hotmail.com  
 \_\_\_\_\_ -mail: \_\_\_\_\_

## ANEXO IV – Tabela das Respostas Traduzidas para o Português escrito

| IDENTIFICAÇÃO                         | 1- Tem hábito de se conectar em Redes Sociais.          |
|---------------------------------------|---|
| Entrevistada 1<br>35/professora       | Sim, uso direto.  |
| Entrevistado 2<br>39/professor        | Sim, uso muito.   |
| Entrevistado 3<br>professor           | Sim.  |
| Entrevistado 4<br>43/professor        | Sim, às vezes.  |
| Entrevistada 5<br>25/professora       | Sim.  |
| Entrevistada 6<br>32/professora       | Sim, na verdade, uso muito.                             |
| Entrevistada 7<br>25/professora       | Sim, uso.   |
| Entrevistado 8<br>23/estudante de pós | Sim, uso.   |
| Entrevistada 9<br>34/professora       | Sim.  |
| Entrevistado 10<br>Professor/modelo   | Sim.  |
| Entrevistado 11<br>28/Professora      | Não uso softwares sociais, apenas mensagens de celular. |
| Entrevistado 12<br>26/professor       | Sim, uso muito softwares sociais.                       |

| IDENTIFICAÇÃO                   | 02- Se sim, qual mais utiliza.                           |
|---------------------------------|--|
| Entrevistada 1<br>35/professora | Especificamente, o Facebook.<br>E o Skype com a família. |
| Entrevistado 2                  | Uso mais o Facebook e o                                  |

|                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| 39/professor                          | Youtube. Não uso WhatsApp porque meu celular é muito . No próximo ano comprarei um novo e vou usar mais e me aprimorar na utilização de WhatsApp, usar mais a internet que terá no celular. |
| Entrevistado 3<br>Professor           | Uso WhatsApp, e o Facebook.   |
| Entrevistado 4<br>43/professor        | Facebook.   |
| Entrevistada 5<br>25/professora       | Facebook e Skype  |
| Entrevistada 6<br>32/professora       | Facebook e Skype  |
| Entrevistada 7<br>25/professora       | Uso mais o Facebook.  |
| Entrevistado 8<br>23/estudante de pós | Facebook, Skype.  |
| Entrevistada 9<br>34/professora       | Facebook, Skype.  |
| Entrevistado 10<br>Professor/modelo   | Face, Skype.  |
| Entrevistada 11<br>28/Professora      | Não gosto de usar Skype e nem facebook. Porque tenho foco em meus estudos.  |
| Entrevistado 12<br>26/professor       | Facebook, Skype e WhatsApp.   |

|                                 |  |
|---------------------------------|--|
| IDENTIFICAÇÃO                   | Tem mais contatos em sua rede, Surdos ou com Ouvintes? Por quê?                        |
| Entrevistada 1<br>35/professora | Tenho mais contato principalmente com surdos, embora tenha na minha rede ouvintes, mas |

|  |   |
|--|---|
|  | <p>não conversamos, apenas vejo as fotos deles, pois eles se usam metáforas ou palavras abreviadas, ficando difícil de entender. Uso Skype com minha família e uso a webcam com eles, só pela saudade, mas me utilizo mais da escrita.</p>  |
| <p>Entrevistado 2<br/>39/professor</p> | <p>Gosto de interagir com surdos de todo Brasil, tenho amigos surdos da Alemanha, e gosto de ser multiplicador de informações importantes, como cursos e congressos. Eu também uso com ouvintes, porque acho importante a interação e troca de informações. Converso com professores ouvintes, intérpretes ouvintes entre outros profissionais, e eu gosto muito dessa interação. Acho que ouvintes precisam entender melhor como os surdos escrevem. Pois os surdos têm sua própria língua e, às vezes, os ouvintes não entendem que os surdos escrevem diferente, então, utilizo de muitas estratégias para ser entendido e não tenha esse problema de comunicação. Quando eu era mais jovem só queria conversar com surdos, hoje mais maduro mudei, e agora depois de formado e com pós, percebi que os surdos devem se sentir valorizados de igual forma em relação aos ouvintes e por isso a</p> |

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
|                                 | comunicação entre eles é fundamental.   |
| Entrevistado 3<br>Professor     | Uso mais com surdos, embora tenha alguns amigos ouvintes, porém os ouvintes não conhecem a cultura surda e fica mais difícil a comunicação.   |
| Entrevistado 4<br>43/professor  | Uso mais com surdos, porque posso usar a webcam e quando nós ligamos podemos falar em sinais e nosso diálogo fica mais claro.   |
| Entrevistada 5<br>25/professora | <p>Uso mais com surdos, porque ligamos webcam, e quando digitamos algo, nos entendemos porque escrevemos do “jeito surdo” e nos entendemos. Pois quando converso com ouvintes eles não entendem o que escrevo, e isso me faz me sentir mal. Isso ocorre porque ouvintes não sabem a forma que os surdos escrevem, pois o português não é nossa primeira língua, mas é a primeira deles e eu também as vezes não entendo o que eles escrevem. Isso faz com que tenhamos problemas de comunicação. Desta forma tentamos usar de estratégias para ficar mais clara a compreensão, como exemplo, reformular a frase, ou usar a webcam, pois se esse ouvinte sabe LIBRAS, a comunicação fica melhor com a webcam em LIBRAS.</p> <p>Já aconteceu de estar</p> |

|   |   |
|---|---|
|   | <p>conversando com ouvinte e ele sumir das redes, porque não teve paciência de tentar entender a forma que eu escrevia.</p>   |
| <p>Entrevistada 6<br/>32/professora</p>       | <p>Converso mais com surdos, porque a comunicação flui quando nos utilizamos da webcam, tenho dificuldade na comunicação com ouvintes, pois escrevem muitas coisas que não entendo da mesma forma eles não entendem o que os surdos escrevem. Eu tenho dificuldade com a concordância do português e, às vezes, preciso mandar email importante e preciso mandar várias vezes reformulando a frase e, às vezes, aviso que sou surda e escrevo diferente. Já pediram pra eu pedir pro meu pai ou pra minha mãe, e sempre respondo que não gosto de depender da minha família, porque sei que tenho capacidade, pois os ouvintes precisam aprender minha forma de escrever.</p> |
| <p>Entrevistada 7<br/>25/professora</p>       | <p>Uso pouco com ouvintes, mais com surdos, pois uso a webcam, pouco digitamos.</p>   |
| <p>Entrevistado 8<br/>23/estudante de pós</p> | <p>Eu na verdade tenho dificuldade com a escrita de surdos, pois cresci com ouvinte e tenho o domínio do português. Por isso, com surdos costumo usar o Skype, pois</p>   |

|                                     |   |
|-------------------------------------|---|
|                                     | <p>converso com surdos em LIBRAS, raramente uso Facebook com surdos. Aconteceu algo com um amigo surdo que foi jogar games com ouvintes e ouvinte reclamou do português dele, o meu é muito bom, mas ele tinha dificuldade, quando fomos jogar chamamos várias pessoas aleatoriamente, e no decorrer do jogo meu amigo surdo errou e perdeu, aí um dos ouvintes que fazia parte do nosso grupo começou a xingar meu amigo surdo, dizendo que ele não tinha atenção, era burro, aí meu amigo surdo começou a discutir com ele e disse: “Eiii você de outro país ou tem 10 aninhos pra escrever desse jeito”, aí eu entrei na briga pra explicar que ele era surdo e o ouvinte disse: “ e daí? Não sabe português?”. Isso ocorreu porque o ouvinte não conhece a cultura dos surdos, e não entendem que a língua dos surdos não é o português escrito nem falado.</p> |
| Entrevistada 9<br>34/professora     | Uso mais com surdos, porque nos utilizamos da Webcam,   |
| Entrevistado 10<br>Professor/modelo | Com surdos porque a comunicação fica mais clara usando webcam. Embora use com ouvintes para um contato visual. Porém, tenho dificuldade de entender algumas palavras que os ouvintes escrevem.  |
| Entrevistado 11                     | Uso mensagens de textos   |

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| 28/Professora                   | tanto pra surdos quanto pra ouvintes.   |
| Entrevistado 12<br>26/professor | Uso com minha família ouvinte, me ajuda a ter contato com eles, pois não poderia usar o celular por ser surdo, então uso muito WhatsApp. Mas, de forma geral, eu uso mais com surdos, porque surdos conhecem a jeito que surdos escrevem, ou seja, conhecem a cultura surda em. o jeito que escreve |

|                                 |  |
|---------------------------------|--|
| IDENTIFICAÇÃO                   | Acha que os Softwares Sociais ajudam a melhorar o português?   |
| Entrevistada 1<br>35/professora | Sim acho que ajudam, mas existem seus pontos positivos e negativos. Pois se há algumas palavras que tenho dúvida, pesquiso, e isso faz com que aprenda, porém tem palavras abreviadas que se tornaram populares, que ficam diferentes, ex: VC,PQ , e essas palavras não são escritas na íntegra, então, só depois, que entendendo o que essas palavras significam. Então pra mim tem seu ponto positivo e negativo. Mas de forma geral acho que ajuda sim. |
| Entrevistado 2<br>39/professor  | Acho que ouvintes precisam entender melhor como surdos escrevem. Pois os surdos têm sua  |

|                                 |  |
|---------------------------------|--|
|                                 | <p>própria língua e, às vezes, os ouvintes não entendem que surdos escrevem diferente. Quando converso com ouvinte e não entendo o português, procuro no Google e isso me ajuda a conhecer novas palavras na minha segunda língua.</p>       |
| Entrevistado 3                  | <p>Sim, acho que as Redes Sociais me ajudam a ter uma evolução no português, e posso aumentar meu vocabulário escrito.</p>   |
| Entrevistado 4<br>43/professor  | <p>Quando teclar com ouvintes, sempre tem palavras novas que preciso pesquisar. Antes disso não conhecia muitas palavras e com informações em meus estudos e com os softwares sociais me ajudaram aos poucos a aumentar meu vocabulário.</p> |
| Entrevistada 5<br>25/professora | <p>Sim acho que é importante, pois aprendo informalmente.</p>  |
| Entrevistada 6<br>32/professora | <p>Sim, embora, no geral gostamos mais de conversar em Libras, porém o português é importante, assim como ouvintes deveriam aprender LIBRAS e assim ser uma troca mútua.</p>   |
| Entrevistada 7<br>25/professora | <p>Existem algumas palavras complexas em português e exige de meu esforço pra procurar no, e isso me ajuda a aumentar meu vocabulário. Alguns textos longos tenho dificuldade de entender então</p>  |

|                                       |  |
|---------------------------------------|--|
|                                       | sempre preciso está pesquisando, e sei que precisarei fazer isso o resto da minha vida.  |
| Entrevistado 8<br>23/estudante de pós | Sim, porque podemos aprender palavras novas.   |
| Entrevistada 9<br>34/professora       | Sim, e acho que é importante digitar pra aprender português. Embora tenha dificuldade na escrita do português, então preciso procurar no dicionário pra saber o que significa algumas palavras. Mas acho importante essa troca com ouvintes.   |
| Entrevistado 10<br>Professor/modelo   | Sim, porém depende da força de vontade dos próprios surdos, e quando aprendo uma palavra nova começo a utilizá-la e dessa forma aumenta meu vocabulário.   |
| Entrevistado 11<br>28/Professora      | Softwares sociais me ajudam muito no meu português.  |
| Entrevistado 12<br>26/professor       | Às vezes, tenho dificuldade de entender o português de ouvintes e preciso parar a conversa pra ter explicação daquela palavra. O problema eu muitos ouvintes utilizam metáforas que muitas delas não conhecemos, então, nos aproveitamos deste momento pra aumentar o vocabulário. Então certamente que os softwares sociais me ajudam no português e outras tecnologias também. |

ANEXO VI– Certificação de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais no uso e ensino do Nível Superior



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

# CERTIFICADO

Certificamos que EDILENA DA SILVA FRAZÃO, CPF nº 460516432-49, foi aprovado(a) no PROLIBRAS 2010 - Exame Nacional de Certificação de Proficiência no Uso e no Ensino da LIBRAS - Nível Superior.

*Ronice M de Quadros*  
**Profª Ronice Miller de Quadros**  
 Coordenadora Geral Prolibras  
 UFSC/MEC



*Maria Tereza Serrano Barbosa*  
**Profª Maria Tereza Serrano Barbosa**  
 Diretora de Avaliação da Educação Básica  
 INEP/MEC

